

ESTÁ EM CENA NO TEATRO DO BAIRRO ALTO A PEÇA A CADEIRA, UM TEXTO DE EDWARD BOND COM ENCENAÇÃO DE LUÍS MIGUEL CINTRA

A facilidade de adivinhar o futuro

«A Cadeira debruça-se sobre a desumanização da sociedade, traçando o retrato negro de uma realidade marcada pela isenção de sentimentos

ANA GARCIA MARTINS

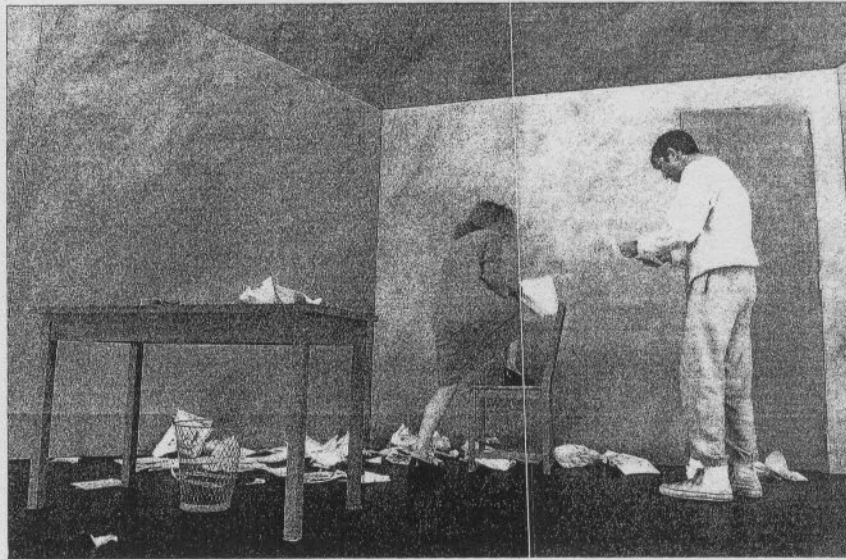
Ano 2077. Numa sala onde quase tudo é cinzento, Alice olha pela janela, abstrata. À mesa, o filho Billy enche folhas e folhas com os seus lápis de cera. As mesmas folhas que, depois, cola na parede, no único recanto colorido de um espaço demasiado vazio e impessoal. De forma quase autómata, Alice conta ao filho o que se passa na rua. Junto da paragem do autocarro, um soldado escolta uma mulher idosa, uma prisioneira a caminho da prisão. Até que uma cadeira, uma simples cadeira, acaba por mudar o destino de todos.

Está traçada a história de *A Cadeira*, em cena no Teatro do Bairro Alto pela mão de Luís Miguel Cintra. Escrito por Edward Bond, um autor conhecido da Cornucópia, o texto esboça uma visão amarga de um futuro assustadoramente parecido com o presente. Uma sociedade cada vez mais individualista e voltada para si mesma, onde gestos de compaixão tendem a ser menosprezados e até puníveis.

Billy nunca saiu à rua, nunca viu o

mundo para além da janela da sala. Alice recolheu-o na rua, ainda bebé, numa altura em que todas as crianças deveriam ser entregues às autoridades. Ignorando a lei, Alice leva-o para casa, mantendo-o escondido ao longo de 27 anos. Impedido de se desenvolver devido a todos esses anos de clausura, Billy acaba por se transformar numa espécie de criança autista, constantemente mergulhada em histórias que inventa e pinta, numa tentativa de retratar a realidade que desconhece.

Ao olhar para aquela prisioneira junto à paragem, Alice pensa reconhecer a sua própria mãe e, incentivada por Billy, acaba por descer à rua com uma cadeira, na esperança de ver mais de perto aquela mulher suja e desgredada. Incomodado com o facto de Alice ter desobedecido às regras e saído de casa, o soldado aceita a cadeira contrariado. No entanto, ao perceber que poderá ser acusado por incumprimento do seu trabalho, o homem devolve a cadeira a Alice e ordena-lhe que regresse a casa. Gera-se a confusão, a prisioneira é morta a tiro e Alice vê-se a braços com um processo instaurado pela Segurança Social. Depois de um inquérito rigoroso, e sempre sem denunciar a presença de Billy, Alice é considerada inocente mas, ainda assim, obrigada a mudar-se para uma outra casa onde será fiscalizada todas as semanas. Inconformada com a hipótese de perder o filho, Alice encon-



A Cadeira conta com as interpretações de Luísa Cruz, Dinis Gomes (ambos na foto), Catarina Requeijo e Paulo Moura Lopes

tra no suicídio a saída mais imediata e eficaz para o seu drama.

Grotesca e sem contornos de suavidade, *A Cadeira* acaba por ter o efeito de um soco no estômago, confrontando o espectador com uma realidade que não dá lugar a sentimentos de piedade ou condescendência. Para Luís Miguel

Cintra, «há uma capacidade de mostrar visões de horror aos espectadores que são baseadas no exagero da própria realidade da sociedade em que vivemos. O que se passa nesta peça situa-se em 2077, num futuro imaginário, mas é uma espécie de artifício para se proceder ao exagero de características

da sociedade em que vivemos particularmente monstruosas». «Bond diz que não há nada mais fácil que adivinhar o futuro e que, se as pessoas souberem analisar a sociedade em que vivem, facilmente poderão prever em 2000 aquilo que se passará em 2077», conclui o encenador.

PEDRO LOPES